

Centro de Estudos Baianos

Thales de Azevedo

A PRAIA ESPAÇO DE SOCIALIDADE

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

134

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Thales de Azevedo

A PRAIA
ESPAÇO DE SOCIALIDADE

Universidade Federal da Bahia
Centro de Estudos Baianos

1988

Professor José Rogerio da Costa Vargens
Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professora Eliane Elisa de Souza e Azevedo
Vice-Reitora da UFBA.

Professor Fernando da Rocha Peres
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA



VITAE

Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

Azevedo, Thales de

A praia : espaço de socialidade/ Thales de
Azevedo. -- Salvador : Centro de Estudos Bai
anos da Universidade Federal da Bahia, 1988.

40p. : il. ; 22cm. — (Universidade Fede
ral da Bahia. Centro de Estudos Baianos. Pu
blicação ; 134)

1. Brasil - Vida social e costumes. 2. Ves
tuário - Aspectos sociológicos. I. Título.
II. Serie.

CDU - 30(81)

(Centro de Estudos Baianos da UFBA).

SUMÁRIO

1	QUILÔMETROS DE PRAIA DESPERCEBIDA	05
2	BANHO SALGADO E PASSEIO NA PRAIA COMO REMÉDIOS	09
3	OS BANHOS BATIDOS	13
4	ROUPA DE BANHO E SAIA-CALÇÃO	14
5	A NOVIDADE DOS MAIÕS E BIQUINIS	17
6	BANHO DE MAR E MUDANÇA SOCIAL	26
7	OUTRAS FUNÇÕES DA PRAIA	30
8	UMA "CULTURA DA PRAIA"	31
	NOTAS	33

A PRAIA

ESPAÇO DE SOCIALIDADE

Thales de Azevedo

1 QUILOMETROS DE PRAIA DESPERCEBIDA

A freqüência em massa à praia atlântica para o banho de mar, ao longo dos 8 mil quilômetros do litoral brasileiro, é de proporções a merecer a atenção dos cientistas sociais. Esse movimento desloca milhões de pessoas das cidades litorâneas e de regiões vizinhas, ao tempo em que atrai turistas de outros países; estes vêm ao Brasil em parte motivados pelas características dessas praias. A análise dessa atividade, entretanto, deve começar — como aqui se tenta — por uma breve sócio-história de movimentos precedentes. Como o cotidiano com o tempo se faz história, a memória faz a dimensão temporal dos dados sociais e culturais. Não há presente sem passado, donde o imperativo de considerar os fatos sempre como desdobramentos de realidades anteriores, sem o que é incompreensível o atual. O diacrônico compõe o sincrônico, a justificar que a ciência do social tenha a perspectiva da contínua mudança do humano. Por isso, a abordagem científica lucra em objetividade e explicitidade quando incorpora nalguma medida o histórico paralelamente ao estético, ao poético, como reveladores do concreto. O "meu tempo" dá, assim, sentido ao hoje, ao factual, ao atual. "A humanidade só compreende o novo quando este herda muito do antigo", diz um filósofo inglês¹.

Lembro a praia como descoberta, enquanto sítio de ação coletiva multitudinária e específica para os brasileiros, de menos de um século, de cerca de 70 anos, como adiante se verá. Antes do "banho salgado" ou "banho de mar", a diversão e o exercício em grupo, fugindo da rotina diária, se faziam no pic-nic, excursão de família, de parentela ou de amigos, colegas ou vizinhos a algum lugar agradável nos arredores ou arrabaldes das cidades, fácil de alcançar pelos meios contemporâneos de transporte. Reuniam-se poucas dezenas de indivíduos dos dois sexos, homogêneos em status, às vezes em idades, em local aberto, acessível, sombreado por árvores ou à beira-mar. Uma atividade caracteristicamente campestre que podia realizar-se, também, em jardins e parques públicos, em torno de uma área limitada de terreno marcada por uma esteira ou pela vegetação rasteira, para conversar, cantarolar, comer e beber, entre o nascer e o por-do-sol. Era motivado pelo interesse de "variar" do ramerrão cotidiano pelo desejo de isolamento e afastamento do quadro urbano ordinário para dis-

sipar no convívio de algumas horas a canseira e a mesmice da vida habitual de trabalho, uma versão ou extensão dos encontros na sala de visitas ou de jantar em menor formalidade, porém, guardando bastante daqueles no vestuário, mais leve embora, no comportamento, no estilo de etiqueta, na declamação, no canto, no dedilhar de instrumentos musicais. Essas reuniões ocasionais, aos domingos ou dias santos, mais no tempo seco do que no período chuvoso, davam lugar a contatos primários, próximos, porém recatados e respeitosos, de pessoas que se conheciam ou se queriam conhecer, dando ensejo a flertes e namoros, a aproximações familiares e vicinais, a acertos profissionais, acima de tudo ao relaxamento de tensões no ambiente tranqüilizante do que se chamava "o mato", isto é, a mata ou a floresta rasas destituídas de animais daninhos ou outros riscos. Uma modalidade de **pic-nics** vieram a ser os passeios-de recreio, as excursões mais longe em trens, vaporesinhos costeiros nas enseadas, ônibus e automóveis, em grupos maiores, em geral com a venda de passagens a estranhos que, já naqueles veículos e particularmente nos sítios de destino, se segregavam segundo seus relacionamentos: empreendimentos com organização comercial, abrangendo grupos muito maiores e heterogêneos. Rumavam igualmente para florestas e praias e, pelo número e diferenciação de seus componentes, mais tendentes a provocarem estranheza, às vezes choque ou conflito com moradores de localidades visitadas na concorrência de urbanitas com ruralitas. A diversão iniciava-se já nos mencionados veículos com dança, música de pequenas charangas ou bandas, brincadeiras várias. Nos dois casos, os participantes podiam levar, quando muito, alimentos secos, sanduíches, bolos ou se abastecerem nos locais de destino. Desses encontros, as revistas noticiosas, "mundanas e sociais", nos anos imediatamente posteriores à I Guerra, faziam registro em grupos fotográficos tomados por suas **kodaks**, **anchutz** ou "instantâneas", e em crônicas de jornalistas e cronistas especializados que num daqueles períodos se intitulavam, durante alguns dois decênios, de **trepações** ou, como explicam os dicionários, comentários jocosos, pilhérias e caçadas². Também com aquelas primeiras máquinas fotográficas portáteis se registravam cenas do **footing**, do passeio das damas e mocinhas da "sociedade" pela Avenida da Beira-Mar aberta no período de modernização da Capital Federal de então, nos primeiros anos do século corrente, bem como a saída das missas-das-onze horas nas igrejas mais frequentadas pela burguesia, o **curso** dos automóveis no carnaval³... O pintor francês Edouard Manet celebrou o **pic-nic** no quadro de 1863 *Le déjeuner sur l'herbe*, em que o modelo ainda desnudo, num intervalo de sua pose, faz a refeição no chão de uma clareira de floresta, na companhia do autor e de seu amigo.

Quando folheamos uma publicação periódica do

começo do século corrente, como *Kosmos*, a afamada revista "artística, científica e literária" de prestígio, em cujas páginas colaboravam assiduamente literatos, historiadores, poetas, pintores, caricaturistas, intelectuais de vária categoria, verificamos que as cenas escolhidas pelos redatores e obtidas ou encomendadas aos fotógrafos, uma vez ou outra aos desenhistas, eram as florestas, as quedas d'água, as cachoeiras, as cascatas, os lagos, os açudes. A figura humana é secundária nessas paisagens: aparecem, entretanto, nas vistas do Jardim Botânico, das Paineiras e do Silvestre, de Paquetá, do Saco de São Francisco, da Ilha do Governador, nos instantâneos de manifestações políticas, de festas e banquetes, de cerimônias religiosas. A ilha de Paquetá, tão procurada mais tarde pela beleza de suas praias, em 1904, é caracterizada naquela revista carioca pela "festa das árvores" ali celebrada e pela Pedra da Moreninha. Na exaltação de nossa natureza pelo conde de Afonso Celso no livro *Porque me ufano de meu país*, de 1900, que teve pelo menos trinta edições e foi adotado nas escolas, nos quartéis, nas repartições, nas associações cívicas como a bibliotecária da mística patriótica, o que se projeta como motivo de orgulho para os brasileiros são as florestas virgens, o rio Amazonas, a Serra dos Órgãos, as ilhas, "o firmamento guarnecido de sereno e puríssimo azul", além das riquezas do subsolo e a amenidade do clima sem terremotos, tufões, borrascas, vulcões, tudo a compor o quadro elegíaco para a felicidade e a bondade do nosso povo. Nessas páginas abaixo do Rio de Janeiro é pintada, junto com Niterói, numa imensa baía em anfiteatro tendo no centro "graciosa multidão de ilhas" e nas margens, colinas cobertas de matas, o mar alto, as fortalezas, "um horizonte infinito", um panorama surpreendente com picos e montes e uma muralha de serranias. Nem uma palavra para as praias em torno das quais as duas cidades se haviam implantado. O que a descrição mostra é que a orla marinha não contava para o embevecimento, a vida e o proveito da gente. Velha era essa cegueira. Fazendo o elogio da baía da Guanabara em 1903, Damasceno Vieira transcreve trechos de viajantes célebres, Ferdinand Denis em *Le Brésil*, Auguste de Saint Hilaire em *Voyage au Brésil*, Charles Darwin em *Voyage d'un naturaliste* e Paul Gaffarel na *Histoire du Brésil français*, em que nenhum desses escritores, encantados com a beleza da região, se refere às suas praias. Somente Darwin afirma que durante sua demora no Rio habitou uma pequena casa de campo na enseada de Botafogo, sem aludir à praia". Curioso que em 1927, quando esteve no Rio e hospedou-se no Hotel Copacabana Palace, o jurista espanhol Luis Jimenez de Asua, admirou-se das vilas, chalets e palacetes do bairro, da Avenida Atlântica, "um dos maiores encantos do Rio" e do contorno da baía com o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Serra da Tijuca, a Cascatinha, a Mesa do Imperador, a Gávea, que descreve

como "paisagem superlativamente atrativa ao entardecer", lugares aos quais o levaram seus colegas. Nem uma palavra sobre a praia que avistaria daquele hotel⁵.

Não que fosse desprezível ou ignorada, mas suspeita, temida por sua conspiração com o mar contra o hómem. Diz Câmara Cascudo que não encontrou nunca documentação popular sobre a tradição do mar na credence popular e que o mesmo viu entre pescadores porque se acredita que "o mar é um ser com vontades, manias, gostos e simpatias rāpidas ou de prolongação suspeita". Além disto o mar se irrita "porque não foi batizado e é pagão". Tem mais pudor que Poseidon ou Netuno. E mais, "praia em que mulher toma banho não tem peixe. O mar é sagrado". Eis alguns dos motivos pelos quais o mar e a praia eram evitados subconscientemente. Vā cantar na praia, ou Vā ā praia ou Morrer na praia⁶ são pragas aos insistentes, aos pedinçōes importunos, aos cantores desafinados, aos de conversa mole, explīca o mestre folclorista, porque é uma inutilidade o canto às ondas, indiferente e anulador do esforço vocal como já dizia, há mais de quatro sēculos, Gil Vicente, pela boca da Velha irritada com a odiosa serenata de um pobre escudeiro⁷.

Cabe aqui observar que a percepção do meio natural, com quaisquer elementos que compreenda e abranja, é uma primacial exigência, uma imperativa necessidade da existência humana, porē, o homem só se faz ou completa e realiza na e com a natureza, donde lembrar Bidney que tanto os artefatos quanto os socifatos e a cultura têm como constitutivos imediatos, essenciais, a natureza sentida e percebida⁸. Defrontamo-nos a esta altura com um problema sócio-cultural, o da captação e percepção do meio geográfico: a eminente socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, numa análise de conceitos propostos por Gurvitch anos atrás, mostra que percebemos a paisagem quando esta é humanizada, não cruamente natural, física, mas tocada pelo homem ou mesmo aī presente vivendo e agindo⁹. Nos casos a que nos referimos atrás, a praia não sequer percebida como paisagem, dado que tinha reduzido significado humano. Seria apenas o inevitável caminho do pescador para o mar, do puxador da rede e do lançador da tarrafa, do canoeiro e do jã gadeiro para o embarque em suas naus. Talvez nada para o cidadão, o urbano. Poucos a conheciam realmente. Na imaginação dos urbanitas, particularmente dos sofisticados intelectuais isolados em suas torres-de-marfim, em seus salões, seria, quando muito, moldura inerte, alva fīmbria da terra, arremate do espaço visível de longe. Poucos a conheciam, um destes para exemplificar, o romancista baiano Xavier Marques, morador de Itaparica, a grande ilha, frequentador das praias do Recôncavo, autor de diversas "novelas praiieras" de fins do século XIX, nas quais desenha vīvidos quā

dros da vida e da faina dos pescadores, de seus amores e idílios, de suas lutas e alegrias, a mostrar a intensidade da ação e da existência ao mesmo tempo sofrida, heróica e poética daquela gente simples. E o que significava para esta o meio, o chão movediço, banhado pelas ondas, o solo fofo de que dependia¹⁰. Para o pescador, a praia é um lugar de trabalho árduo, de preparação para a pesca, de reparo das embarcações e das redes, um lugar de convívio com iguais, o caminho para o mar em que penetra para alcançar a canoa e a jangada e para lançar a rede, a tarrafa, o **munzuã**, a armadilha de peixes, e para armar a **camboa**. Molha-se nessa água, mergulha às vezes, por necessidade mas pouco por divertimento¹¹. De fato, marinheiro, pescador, tripulante de navio muitas vezes não sabe nadar nem se banhar no mar. Isto é coisa da gente de cidade.

2 BANHO SALGADO E PASSEIO NA PRAIA COMO REMÉDIOS

A busca de repouso, da cura orgânica e psicológica, da variação e do convívio insípido no dia-a-dia eram procurados pelos estamentos superiores da sociedade, pelos profissionais e altos funcionários públicos, no veraneio em povoações afastadas dos "centros", das cidades maiores, durante o período de férias escolares prolongadas por cerca de três meses de dezembro a fevereiro.

As sugestões para tais movimentos — que desencadearam mais adiante o turismo interno e externo — vinham particularmente da Europa, onde se freqüentavam os lugares-de-montanha e as estações-de-águas minerais e termais, os Alpes, os Pirineus, Vichy, Evian na França, Baden-Baden na Alemanha, Montecatini na Itália. Os menos abastados gozavam do "clima europeu" ou "clima de montanha", sobretudo nas proximidades do Rio de Janeiro, em Friburgo, Itatiaia em Petrópolis onde o Imperador Pedro II construiu um palácio para seu veraneio e os presidentes da República vieram a fazer outro tanto, arrastando a corte e famílias dos estratos superiores a **garden-parties**, a bailes e torneios esportivos, passeios e **pic-nics** que foram temas de romances, por exemplo, de Afrânio Peixoto¹² e de matéria para cronistas, repórteres e fotógrafos. Para férias e a cura de doenças do estômago, da pele, dos nervos, o reumatismo, a asma, ia-se, por períodos de cerca de 3 semanas cada vez, sob prescrição médica muitas vezes, às fontes de Caxambu, Cambuquira, Lambari, Poços de Caldas ou fazia-se o "circuito das águas" e aí banhar-se, tomar duchas, beber as águas minerais e termais. Muito dessa presença destinava-se a jogar nos cassinos, a dançar nos bailes dos hotéis e a "ver e ser visto", como exigência da aquisição e exibição de **status**¹³. O deslocamento para tais localidades era facilitado pelas estradas-de-ferro cuja construção teve início, na segunda metade do século passado, ligando o Rio de Ja

neiro e São Paulo a Minas Gerais e ao interior do país para o escoamento da produção agrícola, especialmente do café, da pecuária, da mineração, da madeira. Assim, hoje o turismo, esse "rito moderno" se encarado do ponto de vista antropológico, muito deve às redes ferroviárias e rodovias¹⁴.

Imemorial em todo o mundo, o banho salgado ou banho-de-mar e o passeio à beira-mar foram praticados no Brasil desde muito. Gregório de Mattos Guerra, no século XVII, conta em uma de suas décimas a excursão que fizera com amigos à praia do Rio Vermelho, na cidade do Salvador: no caminho parou no sítio da capela de São Gonçalo, que está documentada em desenho de Ourler, almoçou sopa de leite, repolho ensopado e não de azeite, com pratos de arroz de leite, finalmente, "sesteamos no areal/onde o mar por mazumbaia/refrescando estava a praia/com borrifos de cristal;/a onda piramidal/que nos ares se desata,/descaindo em grãos de nata/pedia por bom conselho,/que em vez de Rio Vermelho/the chamassem Rio da Prata". Quando o sol ia descer do "por graus, ou degraus no Céu e a todos nos pareceu o irmão-nos acolhendo", prenderam os rocins, os cavalos em que haviam montado, os selaram e enfrearam, voltando à cidade¹⁵. É possível que não se banhasse, mas apreciou os ares e a beleza do mar, como fariam outros baianos à época.

A freqüência da praia era individual ou em pequenos grupos discretos, evitando um pouco serem vistos ou se exporem ao olhar de estranhos e desconhecidos. O banho considerava-se conveniente para a saúde, para o tratamento da **clorose** ou anemia das jovens e alguns outros males, devido à riqueza da água marinha em iodo e outros princípios minerais. Relata o historiador Pedro Calmon a respeito do príncipe regente de Portugal, com João VI, corrido de Lisboa pelas tropas de Napoleão, em 1808, e asilado no Brasil, que "a saúde só se lhe alterou deveras uma vez no Rio de Janeiro. Mordeu-o um carrapato em Santa Cruz, a inflamação lhe causou febre e piorou de tal sorte do hereditário incômodo das pernas que a corte recebeu complicações funestas. Sarou lentamente. Aconselharam-lhe **banhos salgados**. Decerto lhe lembraram a receita que certo médico russo dera à Catarina II, cujos tornozelos inchados e disformes foram tratados por algum tempo com água do mar. Mandou fazer na praia do Caju um grande caixão de madeira. Metia-se nele, uns turcos de navio arriavam-no na maré e, assim, sem perigo, vigiado pelo médico e pelos lacaios, tomava um banho salutar. Fez-lhe bem. Foi o tempo em que substituiu a sege por uma vasta cadeirinha carregada às costas por doze netos descalços, vestidos de seda carmezim, nos topes das barretimas o escudo real (...). A moda espalhou-se. Moda dos banhos salgados e das cadeiras de arruar que, em 1808, os costumes ingleses, com as carruagens e os cavalos de ra

ça, tinham banido das ruas urbanas com o lixo e o bodum da colônia"¹⁶. D. Carlota Joaquina, esposa de dom João, "pas sou (do Paço de São Cristóvão) para o sítio de Botafogo a tomar ares e banhos" de que não participavam seu filho, o futuro imperador Pedro I; ali permanecia cerca de um mês. A capital da antiga colônia portuguesa modernizava-se com a presença da corte: "a preferência dos moradores que de sertavam os antigos bairros, cujas ruas apertadas, mais barulhentas e incômodas se tornaram ainda, desde que por elas foi permitido vender, recaiu primeiro sobre o Catete e as lindas praias que caprichosamente se desenrolam desde a Lapa até a enseada de Botafogo. Nelas se localizaram os banhos de mar"¹⁷.

O tratamento de doenças por aquele meio dava lugar à valorização de casas à venda nas imediações da praia em muitas cidades e ao anúncio de hospitais e casas-de-saúde que ofereciam aquela terapia. Num jornal baiano, avisava-se, em 1857, da venda de uma casa "perto da panca da do mar", de outras "a dois passos do banho salgado", terrenos "em posição muito apreciável pelo continuado frescor que ali reina, como pela proximidade dos banhos salgados" e até uma conveniente para colégio ou casa-de-saúde. Na verdade, esse gênero de estabelecimento instalava-se, às vezes, em locais na vizinhança do mar, como o do Dr. Augusto Vilaça na ilha de Itaparica e o do Dr. Adriano Alves de Lima Gordilho que, em 1861, além dos banhos frios de choque, os de bareges e os de vapor, oferecia banhos salgados, "o que — rezava o anúncio no *Jornal da Bahia* — torna útil ao reumatismo, à paralisia, às moléstias sífilíticas, escurfulosas, escorbúticas, nervosas, etc."¹⁸. Também a cura do béri-béri, uma polineurite endêmica, produzindo anemia, edemas e paresia das pernas, doença de enigmática etiologia para os médicos dos fins do século XIX a anos vinte do atual, fazia-se em hospitais civis e militares com banhos de mar, antes que se descobrisse a deficiência vitamínica que a explica¹⁹.

Ainda nos anos 20, o Doutor Prof. Pirajã da Silva, em suas notas à *Memória Histórica*, de Bernardino Ferreira Nóbrega sobre as vitórias dos itaparicanos na campanha da independência (publicada em 1923), dedica um capítulo ao exame das observações do médico Silva Lima nos anos de 1860 e tantos no tratamento do béri-béri em Itaparica, citando-o a dizer que "Itaparica é, pois, sem contestação, excelente refúgio para sanatorium contra o béri-béri, para as pessoas que não podem emigrar para a Europa ou para o Sul do império e, como tal, deve merecer a confiança da classe médica e também a atenção do governo provincial, que pode facilitar aos doentes pobres este benefício" (p. XXXI a XXXVI).

A ida à maré, como então se dizia, se dava bem cedo, de madrugada, às vezes de manhãzinha, ao nascer

do sol, por uma ou duas horas se tanto, enquanto o mar estava descansado e não houvesse o inconveniente de queimar a pele alva das mocinhas e das senhoras. Estas cobriam-se pudicamente com uma "roupa-de-banho", imitada de Ostende na Bélgica, de Deauville, Biarritz, Trouville na França, de lã grossa, pesada, a baeta, em geral azul-marinho com de bruns de **soutache** branco, uma calça fofa ajustada no tornozelo, um amplo casaco descendo até o joelho e mangas com pridas ou pelo menos ao cotovelo; na cabeça, um gorro do mesmo tecido e acabamento. Nos pés, um sapato raso de lona com sola de corda trançada, o **peixe-gelado**, como proteção contra ostras, pedras, cacos de vidro, lama dos mangues. Os homens vestiam já uma calça cortada ao joelho e camisa de malha ou uma peça inteiriça deste estofado, desenhada com riscas horizontais. Antes de lançar-se na água, as pessoas benziam-se, fazendo o sinal-da-cruz no rosto com a mão direita molhada no salso elemento, preocupação contra os perigos, tão temidos, do mar. A **saída-de-banho**, roupão de pano esponjoso de cor clara, cobria o corpo das mulheres na caminhada entre a maré e a terra-firme. Mesmo os homens fugiam de ser vistos. Num conto publicado em 1904 na revista *Kosmos*, um jovem sai da água correndo para "fugir à curiosidade maldizente dos espectadores ociosos". Veste-se e vai ao encontro de uma senhorita que por ali expõe-se, em traje de passeio, sentada numa cadeira de vime "ao lado da mamã radiosa, nessa roda de imbecis que povoam a praia quase deserta com as figuras obesas...". As praias assim frequentadas eram, até começos do século XX, as das baías e mares interiores, no Rio as de Santa Luzia, Boqueirão do Passeio, Botafogo, do mesmo modo noutras partes do litoral, até perto dos anos 20; por aquela altura, as praias demaralho eram lugares para passeio e gozo da brisa marinha como mostram fotografias nos periódicos²⁰. A autora do texto de *80 anos de moda no Brasil* transcreve o depoimento de uma habitué da praia carioca nos anos 20: "para as 'roupas de banho de mar', definição adequada para os trajes usados nas praias, exigia-se calção bufante até o joelho, casaco até a altura dos quadris, saia até o joelho, touca franzida e sapatos de tecido com sola de corda, ou inteiros de borracha, amarrados no tornozelo e, em alguns casos, acompanhados de meia três-quartos preta de algodão. O tecido era a sarja, uma vez que a intenção era a de não deixar ver as formas do corpo. A evolução só acontece em meados da década. E explica: "Vamos muito à praia de Copacabana, e eu e minha irmã gêmea (...) usamos em 1924 os primeiros maiôs de malha de lã do Rio de Janeiro. Foi o maior frisson, e alguns rapazes vinham de longe só para nos ver. O meu era vermelho e o de Claude era verde. Tinham decote redondo e iam até o meio da coxa. Costumávamos levar vitrola para a praia e isto era outro escândalo!". (Silvana Gontijo, 80

anos de moda no Brasil, Edit. Nova Fronteira, s/d). E continuava: "Além dos banhos de mar, eram frequentes os passeios de bicicleta em Paquetá, e algumas mulheres mais avançadas começavam a dirigir automóveis (...). A alta sociedade passava o verão em Petrópolis, numa *féerie* de acontecimentos sociais".

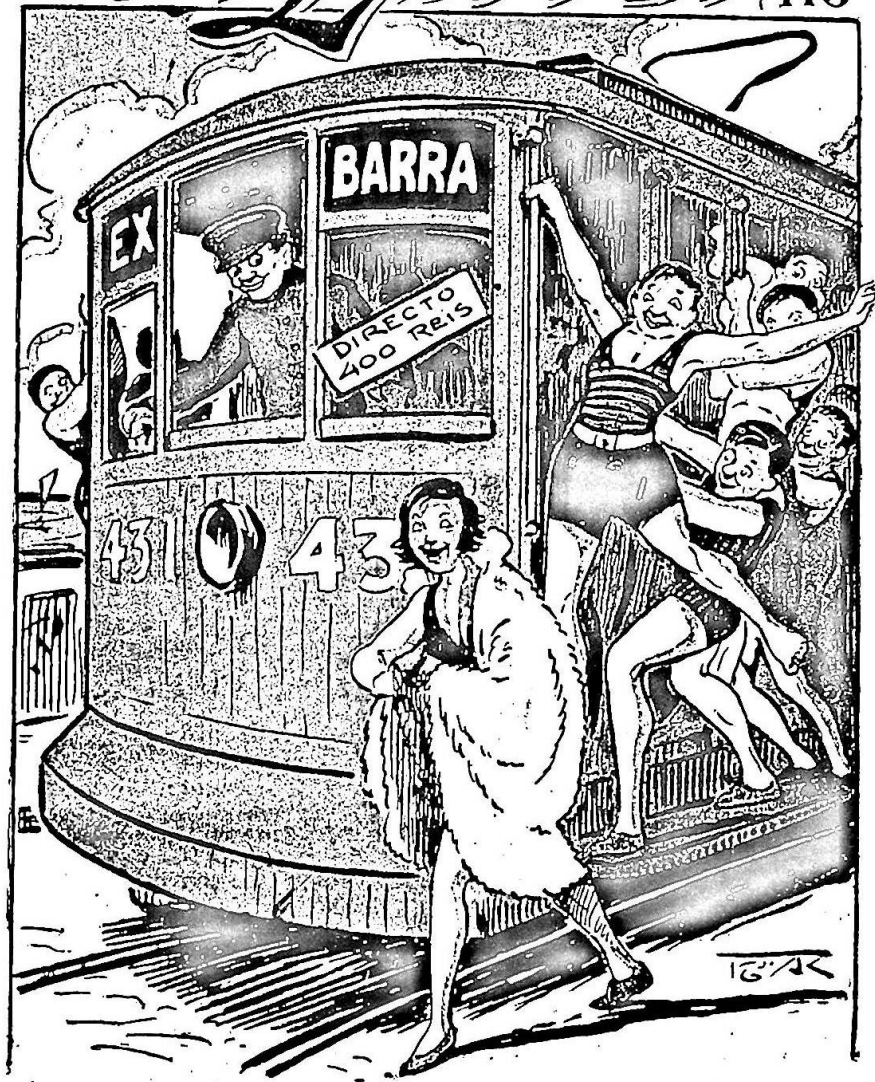
3 OS BANHOS BATIDOS

A importação de automóveis franceses, norte-americanos, alemães e a extensão das linhas de bondes elétricos levam, no Rio de Janeiro, às praias oceânicas do Leme, Copacabana, Ipanema, mais tarde Leblon e adiante, facilitando o acesso a antigas fazendas que se vão loteando para moradas e casas de veraneio. O mar não é mais contemplado da Avenida Central, da balaustrada do Flamengo, de Botafogo, mas buscado com avidez no litoral aberto para os "banhos batidos" no mar agitado e perigoso. Os que passeavam ou faziam *pic-nics* no Alto da Boa Vista, em Santa Tereza, em Cascadura tendem a veraneiar e a residir nos novos bairros. Deflagra-se intenso processo sócio-demográfico e urbano com o deslocamento de populações, a mudança de funções dos bairros tradicionais, o surgimento de negócios e indústrias de hotelaria, de abastecimento alimentar, de divertimentos e turismo, produz-se a projeção internacional desses lugares como sucedeu no México a Acapulco, no Chile a Viña del Mar, no Uruguai a Punta del Este, a última com a contribuição de brasileiros que ali adquirem propriedade enquanto, mais tarde, encorajados pela desvalorização da moeda brasileira, argentinos, uruguaios e outros compram moradas em praias do Brasil. Nestas, por sua vez, crescem e modificam-se localidades caracterizadas pela presença de banhistas; toda essa corrida atinge também as margens de rios, de açudes, de represas, de lagoas e lagunas. Promove-se "banhos a fantasia", réplicas do carnaval para atrair mais gente e para animar os frequentadores. Essa brincadeira era, muitas vezes, improvisada ao término de um *bal masqué* em salões, hotéis, clubes, situados em lugares próximos ao mar. E, por motivações idênticas, constroem-se avenidas nas quais se instalam serviços de vigilância e salvamento, o famoso Posto 6, de Copacabana, é um destes e armam-se barracas para a venda de bebidas, alimentos, côco verde, sorvetes. A cidade invade o campo, o urbano sucede ao rural representado pelas fazendas, pelas roças, pelas povoações de pescadores. O trabalho investido sob a forma de moradia e de frequência humana confere outra utilidade à terra. A taxa de utilidade, antes interessando de modo particular a poucos passa a ser de necessidade nova para muitos. Esse é o principal efeito do movimento naquela direção e para aquele objetivo²¹. Mas é importante notar que se formam novos hábitos, assumem-se outros interesses,

criam-se diferentes necessidades até então praticamente inexistentes ou limitadas a poucos indivíduos. O modo de fazer contato com a água marinha não é mais o mesmo, exige tácticas inesperadas, e toda presença no terreno conquistado vem a ganhar contornos diversos. A ida à praia enseja simplesmente andar na areia fofa ou úmida, ardente ou fria, deitar-se na mesma, molhar os pés na esteira espumosa das ondas ou mergulhar, boiar, nadar de um modo especial, surpreendente e problemático para muitos. Adensa-se rapidamente o número dos presentes e muda de composição, tornando-se mais heterogêneo, enquanto mudam os horários e a permanência se vai prolongando já sem o temor da solina e da canícula; a estada mais demorada, abrangendo períodos de refeições, exige levar alguma comida ou consumir a que se vende na área junto com as bebidas. Um novo objetivo tem essa presença, o de queimar-se ao sol abrasador no verão, principalmente para as mulheres que adquirem o hábito de bronzear a pele naturalmente ou com auxílio de loções e óleos de produção industrial. Já não se levam em conta poderes terapêuticos da água do mar, quando muito acreditando-se que a exposição ao sol fixa vitaminas benéficas ao organismo. E quanto mais epiderme se expõe aos raios ultra-violeta do sol e a água, melhor para a saúde e a beleza do corpo. Esses propósitos exigem traje mais adequado, isto é, mais sumário, mais leve, melhor ajustado ao corpo, também, para o contato com as ondas. Cerca de 1910 ou pouco mais adiante, aquelas vestes já são mais sumárias e abertas, desnudando ao menos, pernas e braços e tornando-se menos refinadas e pesadas. Essa é uma das mudanças das normas vitóricas até então vigentes que Gilberto Freyre e Gilda de Melo e Souza mostram como perturbadoras da tradição e da ética dominante²².

4 ROUPA DE BANHO E SAIA-CALÇÃO

A revista *Careta*, secundando outros órgãos da imprensa, ridiculariza a preocupação das autoridades cariocas com essa invasão de moldes e modos liberais, estampando a caricatura de um casal mergulhado no mar com indumentária do diário, saia e blusa, calça e paletó. Os jornais e revistas exibem instantâneos de mulheres em trajes de banho cada vez mais ousados, que o comércio oferece em anúncios ilustrados com figuras da moda emergente. É a época em que reaparece na Europa a **jupe culotte** que, já em 1857, aparecia como objeto de troça numa revista do Teatro São João, na Bahia: apresentava-se uma tarse intitulada "A saia balão e o colarinho de papelão" por uma companhia dramática portuguesa²³. A ação, dizia a propaganda, passa-se em Lisboa, "na atualidade". A saia-calção, imitada dos amplos calções das turcas, reaparece na Europa, encontrando resistência e oposição, vaiada em Paris como regiã



COMPANHIA LINHA CIRCU. AR DE CARRIS DA BAHIA
AO PUBLICO - BANHOS DE MAR NA BARRA

A partir do dia 13 do corrente, haverá um bonde mixto todos os Domingos e Feriados, partindo do Terreiro às 7, 8, 9 e 10 horas, regressando do Pharol às 7.30, 9.30 e 10.30, podendo os passageiros viajarem em trajos de banho. Passagem directa.

Bahia, 11 de Julho de 1930

A DIRECÇÃO

Onde preferes estar?...

(O' melindrosa, responde!)

Nos banhos frios do mar?...

Nos banhos mornos do bonde?...

— BAHIA, 16 DE AGOSTO DE 1930 —

AVULSO - 1\$000 .

tra *Le Matin*, em 1911, e tratada na imprensa com sarcasmo²⁴. O jornal parisiense comenta maliciosamente: "A perna se adivinha. E todo mundo sabe...". Realmente, a perna, antes encoberta pela saia rodada, longa, desenha-se — ainda que apenas esboçada no novo vestuário — causando escândalo, tanto pelas sugestões eróticas quanto pela semelhança com o vestuário masculino²⁵.

5 A NOVIDADE DOS MAIÓS E BIQUINIS

Um semanário carioca observa, em 1916, que nas praias se vão amontoando, nas tēpidas manhãs", bandos jo viais de nadadoras, "encantadas sereias" de corpos palpī tantes. Na delīcia da hora matutina, no "quadro maravilhō so da mais linda abra da terra se tem — com tal espetācū lo — a exata noção da obra transformadora de que foi cenā rio o solo social do Brasil", numa linguagem, a do cronis ta, que o sociōlogo subscreveria. As mudanças sociais ē éticas, como ē sabido, nāo se processam sumāria e repenti namente: ainda nos anos 20 a *Seleta*, do Rio, estampava fō tografias de grupos de banhistas em Ostende, na Bēlgica, com o velho roupāo que ocultava todo o corpo, e cenas de Copacabana como lugar de passeio. As novidades espantavam a uns e deliciavam a outros, mais progressitas²⁶. Na raiz desses sucessos estava o irresistível processo de moderni zação, de rejeiçāo da "situaçāo colonial", que, na ordem arquitetōnica e urbanīstica se realizava nas reformas do Rio de Janeiro desde pelo menos 1902, de Belo Horizonte, de Recife, de Florianōpolis, de Salvador e outras capitais e que se verificava no plano das idēias e dos valores. A sociōloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, em anālises so bre diversos aspectos do processo, como a educaçāo, os dī vertimentos tais quais o carnaval, a religiāo, os mitos e interpretaçōes da realidade, como a sociedade brasileira vīnha sendo afetada na ēpoca²⁷. Era o "calafrio do progres so", a "faīna saneadora", "o alviāo demolidor" iconoclas ta a que atribui Fernando da Rocha Peres as derrubadas de vē lhos monumentos na referida quadra²⁸, perturbaçōes que se acentuariam na crise que desencadeou a I Guerra e se pro longou no espaço para a II. Entre nōs, as melindrosas, pā ra agradarem e atraīrem os almofadinhas e se mostrarem ā altura dos tempos, libertam-se das saias arrastando no chāo, dos espartilhos, dos corpinhos, das gargantilhas e golas altas. Os decotes se ampliam ou seguem a tradiçāo das da mas da corçe no exibirem opulēncias do busto. O que as dis tinguē ē a exhibiçāo do desenho do corpo jā sem a abundān cia de panos das mangas, das saias, das ancas, sem os babā dos, as caudas, os complicados penteadds. Mostram-se as cos tas, as axilas, ās vezes as coxas, sugerem-se as nādegas. É isto que se vai refletir mais audaz na roupa de banho. Desponta o maillot colado ā pele, revelando as curvas ana

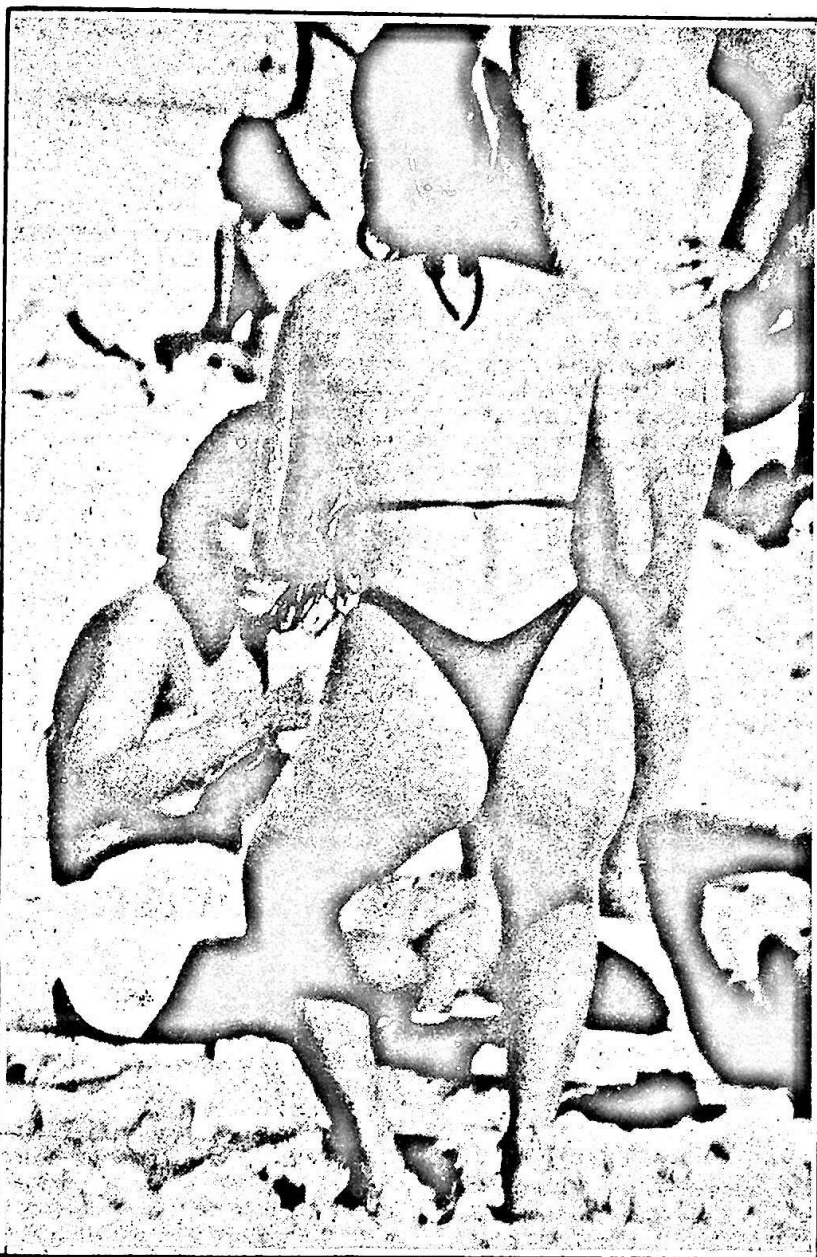


Foto: Abmael Silva

A pele bronzeada deu um colorido todo especial às praias da orla marítima durante o sábado de muito sol (Pág. 3).

Foto do Jornal A TARDE, Salvador - Bahia - 11-X-87

tômicas, facilitando os movimentos para o mergulho e o contato erótico com a água. E tornando possível a mensuração dos quadris, do busto, das nálgas e da coxa nos concursos para a escolha de Miss Universo que uma fábrica da veste, a dos maiôs Catalina, promove a nível internacional. Não é somente física a alteração, porém moral, afrouxando-se a exibição do corpo todo sem muitas restrições, rompendo com o costumeiro recato, com o acanhamento, com a pudicícia e afetando os modos de andar, de sentar, de deitar-se, de mexer-se nas areias da praia, sítio privilegiado para tais gestos. Os figurinos europeus e nacionais e os modelos importados introduzem inovações nas Copacabanas de todo o litoral. E quando o namoro antigo começa a experimentar modernizações com os novos hábitos; aqueles passeios nas avenidas e os bondes facilitam a troca de olhares e de sinais entre os apaixonados²⁹.

A admiração, a surpresa diante desse processo cambiante e imprevisto retrata-se num registro da revista *O Cruzeiro*, em novembro de 1965:

Nenhum fato, nenhuma transformação nos usos e costumes desta cidade (o Rio de Janeiro) de 400 anos passaram despercebidos ao lápis dos humoristas do traço. Entre os hábitos adquiridos pelos cariocas é de ressaltar-se o que passou a ser usado há mais de um século — o banho de mar, cuja indumentária sofreria radical modificação com o correr dos tempos, não longe estando, talvez, do modelo já hoje adotado nas praias de Pampelone, em Saint-Tropez, cujos banhistas se apresentam 'vestidos' tal como chegaram ao mundo. Aproximamo-nos imperceptivelmente daquela espiritual 'boutade' da criada de quarto de Mme. Du Barry, quando afirmava que 'rien n'habille aussi bien que le nu'.

As esplendoras carioquinhas de hoje e os guapos jovens que desfrutam do privilégio de ter à sua disposição tão belas praias, não fazem a menor idéia do que foram os banhos de mar na segunda metade do século passado e os meados deste, quando suas vizinhas, metidas em pitorescas roupas, desafiavam, como então se dizia, o 'salso elemento'.

O redator do popular magazine passa a documentar o que afirma:

Luís Edmundo, o memorialista de 'O Rio de Janeiro do Meu Tempo', já descrevera que

o banho de mar, nessa época, ainda não era recreio e sim receita de médico. O Boqueirão do Passeio era, assim, um pequeno hospital. No começo do século a terapêutica usava e abusava dos banhos de mar. Mas já às sete da manhã a praiazinha ia se fazer do vazia, pois senhora de qualidade nunca aparecia para banhar-se depois dessa hora, que era a das 'cocottes' e da rapaziada bu lhenta. O sol era considerado um terrível inimigo, pois acreditavam nossos antepassados que o encontro dele com a água somente malefícios trazia à saúde.

Aflora aí o problema dos costumes, da moralidade, das regras de pudor e recato, de tamanha significação numa prática ao ar livre no que então se diria "em trajés menores", que condicionavam o vestuário feminino:

E havia o pudor. Uma irrefreável e avas saladora 'pudibonderie' vitoriana obrigava nossas banhistas a se cobrirem dos pés à cabeça, envoltas em amplas roupas de sarja ou áspera baeta que deveriam ser das mais encorpadas, não permitindo, quando molhadas, deixar perceber, nem de leve, algum precioso recorte de anatomia. Jocosos aqueles figurinos constituídos por longos calções presos aos tornozelos e encimados por blusões do mesmo tecido, além das toucas de oleado com franzido à Maria Antoniete, ou então, altíssimos chapelões de palha, quase a encobrir o rosto. Os pés, calçados por sapatos de lona e sola de corda, eram amarrados à moda romana e se, por acaso, o cadarço desatava-se, sua reposição des pertava o alvoroço concupiscente dos 'mirónes' masculinos, a cofiarem nervosamente as guias ponteagudas dos bigodes.

Percebe-se, pela linguagem e pelos conceitos, que o redator é um saudoso observador dos "velhos tempos", de algum modo convertido às esquisitas modernidades:

Além de tão desconfortante e misteriosa indumentária, ainda se usavam amplos roupões, apresentando assim nossas praias o aspecto de um enorme povoado muçulmano e, para mais caracterizá-lo, havia ainda a figura solícita e vigilante de retintas muçalmas.

Figura indispensável era a do banhista profissional, formando uma equipe de muscu

losos portugueses, italianos e turcos, gente de confiança, a quem era dado, na maioria dos casos, o privilégio de levarem as sinhazinhas ao colo para entrarem na água, o que provocava natural inveja aos 'jaca-rês' da praia. Ao aspecto caricato das roupas aliava-se a uniformidade de tom, que era necessariamente o azul-marinho, sempre enfeitado com galões brancos, pala e gravata a lembrarem os uniformes dos marujos.

Sobre o contraste existente da moda feminina nas praias e a usada nos teatros e salões de baile, cabe aqui a observação de que, nestes, pontificavam os mais exuberantes decotes, reveladores de carnações que nem sempre se acomodavam comportadamente em seus envólucros

Seguem-se comentários do tema — a moda — que, por sua vez, têm sido objeto de análises teóricas, como as de A.Kroeber, nos Estados Unidos e de Diatahy de Menezes, no Brasil³⁰, tentando explicar seus percursos e alterações ao longo dos tempos.

Como o caráter da moda se subordina ao tempo e ao grau de deformação que ela impõe especialmente à silhueta feminina, aqui também podemos observar as modificações na indumentária praiana dos 'marmarjos'. Estes passaram da roupa de banho colante, geralmente de raias horizontais e que iam até a barriga da perna até ao sumariíssimo calção, em emulação generosa aos biquínis das encantadoras banhistas de hoje.

Retoma o autor as considerações sobre o registro dessas mudanças pelos caricaturistas mais famosos do começo deste século e do anterior.

Julgamos ter sido a primeira caricatura, cronologicamente, a aparecida no 'Arlequim' em seu número 32, ano I, de 8 de dezembro de 1867, assinada por V.Mola em desenho litográfico cobrindo toda a página, sob o título 'A Estação dos Banhos'. Nela apresentaram-se as mais variadas 'toilettes' para o verão de 1868, e há a seguinte legenda: 'Hã para todos os gostos, desde a pessoa que quer e mostrar muito até a que quer ficar incôgnita, desde a mais nutrida até a mais caniço... Em março do ano seguinte, no dia 22, no seu nº 45, o 'Bata-clan', revista satírica e que era publicada em francês

e dirigida por Charles Berry e tinha como seu principal ilustrador Joseph Mill, apresenta outra 'charge' deliciosa. A caricatura, em que aparecem duas banhistas, não é porém de autoria deste, mas provavelmente tirada de uma gravura de Gavarni ou de Reaumont e traz a seguinte legenda: 'Vous vous portez bien? Pas mal et vous? Moi, je crains d'être enrhumée, je sens que j'ai les pieds mouillés'.

A partida para o banho de mar era um episódio quase épico como retratou em 'O Mosquito' de 26 de dezembro de 1869, nos moldes de nossas atuais histórias em quadrinhos, o caricaturista brasileiro Faria (Cândido Aragonês). A impagável seqüência teve seu término apresentado no número seguinte da revista. É o relato minucioso dos percalços de uma burguesa família carioca, desde o acordar e os subsequentes preparativos de acomodação da grei, até a plena refrega dentro d'água.

Na 'Vida Fluminense', ano 5, nº 217 de 24 de fevereiro de 1872, em página dupla, há uma série de flagrantes da maior comichade, não assinada, mas que tanto pode ser de Agostini como de Pereira Neto, ilustradores da revista. O desenho, porém, deixa traçar uma nítida influência do traço de Daumier ou de Cham, e trata os banhos como panacéia infalível.

Na 'Semana Ilustrada', em 1874, Henrique Fleuiss, que era seu diretor-fundador é principal desenhista, aproveitando uma frase de Agassis, apresenta uma visão panorâmica do banho no Boqueirão do Passeio. É ainda Faria, já então possuidor de um traço mais seguro, em outra publicação do gênero, 'A Comédia Popular', no número de Natal de 1877, quem focaliza os receios de uma banhista envolta dos pés a cabeça num costume impermeável, ao descobrir que a umidade lhe fazia mal à saúde. Também sob o título 'No Boqueirão', o 'Binóculo', ou tra revista satírica de grande popularidade, em outubro de 1881, em página dupla, apresenta um magnífico desenho não assinado, mas cujo traço denuncia o caricaturista Belmiro.

Bem singular é o fato de um dos nossos mais férteis desenhistas, Angelo Agostini,

em sua famosa e prestigiosa 'Revista Ilustrada', só se ter ocupado de tão deliciosos temas apenas uma vez, no 'fait divers' de uma de suas composições de página dupla da referida revista. Saiu no suplemento do nº 424, de 31 de dezembro de 1885, isto é, 21 anos após o aparecimento daquela publicação. Outra não menos importante revista, a 'Vida Fluminense', já em plena República, a 19 de dezembro de 1889, sob o título 'Eco do Boqueirão', apresentava, na sua capa, uma sátira de autoria de seu principal desenhista, Teixeira da Rocha, com a chance-la do grande gravador Vacar.

Aos acima citados, devemos acrescentar a tríade estupenda dos caricaturistas Raul, Kalixto e J. Carlos, sempre atentos ao tema de que ora nos ocupamos. O mesmo pode ser dito dos demais artistas que passaram pela nossa imprensa, inclusive, Alfredo Storni que, sob o pseudônimo de Bluff, apresentou em número do 'Filhote' (da 'Caretta') um flange dos banhos de mar na praia do Flamengo. A J. Carlos, porém, coube o mérito indiscutível da fixação premunitória do biquíni em nossas praias e, se vivo fosse o saudoso mestre da caricatura brasileira, certamente seria o primeiro a retratar o próximo... no-no-quíne.

Na rememoração do tema pelo traço espiritual dos nossos desenhistas, podemos observar quão distante estamos hoje do extinto Boqueirão do Passeio, com sua ponte e, sob ela, suas cordas, bóias, argolas de ferro, correntes e um mundo de suposta segurança à aventura de um banho de mar. Não faltava nem a musculosa presença dos banhistas profissionais, nem esta fauna prodigiosa a transpirar saúde, sedenta de ar puro e luz na variada gama de belas carnações a se movimentarem, hoje, desenvoltas nas alvíssimas areias do Castelinho.

Um autor de guia turístico norte-americano, a propósito, anota mais recentemente que mais atraentes e curiosos para o turista do que a geração hippie do Rio e de São Paulo são, em Ipanema e no Castelinho, "os mais sumários biquínis que se possa imaginar", portados virtualmente por cada menina carioca, as tangas, que se lançaram em 1974 nos países de língua inglesa como strings, a sugerir o nosso "fio dental", já imaginado e representado em

uma tela de 1957 pelo nosso genial pintor Carybê. Curioso é que aquelas meninas riem dos pudicos modelos americanos de maiôs, pensando talvez que a moda de hoje seja perene³¹. Mas a moda, motivada por interesses de fábricas de tecidos e por caprichos de costureiros influentes, mudam o rumo dos hábitos. A revista *Veja*, em novembro de 1987, noticia que "os biquínis voltam ao passado, aumentam de tamanho" sem deixar de valorizar o corpo feminino.

Agora, a moda descobre os maiôs e biquínis. E os descobre para cobrir apreciáveis porções da anatomia feminina. Depois da tanga, do topless e do fio dental, não veio a seqüência lógica da nudez total. Sem muito barulho, começam a chegar às praias e piscinas brasileiras biquínis e maiôs inspirados em modelos dos anos 50. Eles abusam dos babados, bolinhas, listras e adotam as barbatanas como suporte para os sutiãs meia-taça. Nas versões mais radicalmente saudosistas, os biquínis viram calções, os sutiãs, mini-espartilhos e os maiôs, colants de sôbrios decotes e muito estilo.

E explica como tais transformações são desencadeadas e produzidas pelo jogo, não percebido pelas banhistas, de vantagens procuradas por indústrias que mobilizam os estilistas e acionam a publicidade.

Invenção do século passado — quando as estradas de ferro chegaram ao litoral, permitindo as férias na praia —, as roupas de banho tiveram a sua mudança mais abrupta no final dos anos 40, quando surgiu o biquíni. Ele só veio a sofrer uma alteração forte na década de 70, com o surgimento, no Brasil, da tanga. Esta, por sua vez, deu lugar para o fio dental — que é uma espécie de contramoda: não permite variações, não valoriza estampas e tecidos e como que esconde a roupa para enfatizar tão talmente o corpo (...). Por enquanto, os modelos mais tradicionais estão reservados para os dias de pouco sol, os fins de tarde ou almoços à beira da piscina — ocasiões em que a finalidade não é ganhar bronze, mas esbanjar requinte.

6 BANHO DE MAR E MUDANÇA SOCIAL

Mostrar o corpo, fazer trejeitos intencionais, sentar e deitar de modos provocantes são expressões da ética desencadeada pelo banho de mar que rompe com o tradiçã

nal resguardo do corpo feminino às vistas e afagos dos na-
morados e à exibição dos seus contornos aos famintos de se-
xo e cobiçosos do erotismo, dando lugar, como noutras par-
tes, a casos de masturbação de marmanjos diante de mulhe-
res assim descompostas e provocantes. Revela igualmente as
alterações que experimenta a moral burguesa: a freqüência
da praia é um dos exercícios das classes médias, a que tem
acesso marginal à camada popular.

Outro cronista, na província³² confessava em
1930, sua estranheza diante das novidades de então, em juí-
zos e palavras que traduzem ao mesmo tempo o encantamento
e certa censura do que ocorria:

"O banho de mar na Barra, aquela hora, da
va à Bahia fulgurações momentâneas de ter-
ra civilizada, de terra que veste mailloã
e anda de automóvel, uma Copacabanazinha
ainda um tanto medrosa, a temer talvez a
eterna vigilância do forte de Santa Maria,
mas que já põe a vela bons dois palmos de
perna supra joelhal. O banho ali é sempre
delicioso, tonificante, rejuvenescedor, não
são pelas suas qualidades terapêuticas, mas,
principalmente pelas extra-terapêuticas,
não são pelas suas qualidades marítimas, mas
especialmente pelas maritais. Naquele do
mingo lá estávamos — eu e o meu amigo con-
selheiro Álvares — a esperar a onda quan-
do um grito, um borborinho súbito nos
atraiu a um ponto onde começavam a aglome-
rar-se banhistas.

Não fora nada; quase nada. O Juca, a pou-
cos metros da praia, fazia o banho com a
respectiva menina, havia já duas horas,
quando repentinamente, uma dor aguda o fez
gritar. Cãimbra. A permanência prolongada
provocara-a. Felizmente, um grupo de moçoí-
las, que, perto se banhavam, o acudiu de
pronto, levando-o até a praia. Nada mais.
Um acidente aquático sem nenhuma importân-
cia. Uma cãimbra rápida. O que, porém, me
encabulou, por não lhe atinar com a expli-
cação, foi a Marietta — uma das que o fo-
ram salvar, pegando-o por braços e pernas
— ao passar por nós, ter exclamado para a
companheira, sublinhando as palavras: —
Mas que bruta cãimbra, a do Juca!"

A malícia do cronista, os detalhes de observa-
ção, os reparos sobre o traje e os gestos das banhistas,
tudo evidencia a perturbação que a mudança de costumes in-
troduzia³³.

Os espetáculos **bataclan**, continuadores mais afoitos do cancan, ensinam provocantes trejeitos. O **maio** vem a constranger as mais "modernas", desinibidas, emancipadas, adeptas já da estética que Maffesoli viria a designar deorgiástica, pelo domínio do presente e do prazer, pelo caráter dionísíaco e hedonista³⁴. Reduzem a cobertura do corpo, primeiro às partes pudendas clássicas, o peito e a bacia, e aparecem de **bikini**, lançado por ocasião das explosões atômicas dos franceses no ato daquele nome. O **duas-peças** — que Getúlio aponta a Oswaldo Aranha, numa charge do *Careta*, como representativo do voto secreto em 1930 — reduz-se, ainda, na **tanga** que se contrai no **fio dental**, última restrição ao **topless** e ao nudismo inteiro que têm limitada aceitação. Não é arbitrária essa restrição, dado que, para ser aceitável num lugar público, como a que estamos examinando, é preciso obedecer a um mínimo de regras: uma dessas é de que se apresente com determinada aparência corpórea, não mostrando os órgãos sexuais, por exemplo; outra, a de que não perturbe os circunstâncias com ruído excessivo da fala, de gritos, de rádios, de instrumentos musicais e não ameace com correrias desordenadas as áreas ocupadas pelos vizinhos³⁵. A mais recente liberalidade é a mostra desimpedida da nádega, do **bum-bum**, que se faz nas posturas, nos movimentos e na exposição em decúbito ventral descansando ou dormindo, atrativo para muitos, foco para as objetivas dos fotógrafos, dos cineastas e dos repórteres da tevê. O império do narcisismo sob o particular aspecto sexual daí abre rotas, no Brasil, para os bailes do carnaval, nos quais, como observa Roberto da Mata, acrescenta-se a possibilidade — que a praia raramente oferece — do contato físico hetero e homossexual³⁶. Toda uma moralidade que quebra o escrúpulo antigo de pais, de maridos, de amantes, de noivos e namorados, agora acessíveis a oferecerem o corpo de suas mulheres ao olhar de quem quer que seja. Também os homens encurtam os calções na **sunga**. Essas vestes e esses hábitos e condutas se reproduzem nas piscinas instaladas nas casas, nos prédios de apartamentos, nas **dachas** perto das praias, em que se pratica a imersão na mesma líquida como no mar, gozando a carícia da água, a temperatura diversa do meio fluido e a ocasião para encontros, aproximações e toques nem sempre casuais³⁷.

A praia é também palco para realização pessoal burguesa, para a recusa da pecha de retrógrado, de atrasado, de moralista, de velho, por meio da mencionada indumentária. Aparecer ali e andar por suas imediações e pelas ruas nessa aparência serve para demonstrar modernidade, saúde, juventude. Não é somente espaço para tais espetáculos, encenados deliberadamente por uns e apreciados cobiçosamente por outros, para o sacrifício de posturas obrigadas para queimar a pele em benefício da saúde ou da beleza, para tocar a linfa marinha, exercitar-se na natação, no **surf**, no

mergulho, ou para simplesmente fruir a brisa marinha: para uma porção considerável, quase para a totalidade, é um lugar para repouso e isolamento³⁸ mas um ginásio, uma cancha aberta, gratuita, para o esporte. Os que não apenas fazem o repouso e o isolamento na imobilidade, nos grupos de conversa, na contemplação do ambiente e do horizonte, há a possibilidade do movimento físico não impedido por ninguém, caminhando, saltando, correndo, praticando ginástica, participando de peladas e partidas de diversos jogos. Essas práticas fatigantes e suarentas porém divertidas, em grupos ocasionais ou costumeiros, em equipes fortuitas ou permanentes são mais para brincar, encher o tempo, mexer nos músculos, gastar as gorduras — exigência do emagrecimento estético —, abrir o apetite, queimar a pele, compõem o complexo do banho de mar, ainda quando realizem disputas e competições em que se ganha reputação ou se consagram times. Para a maioria é preparação para o mergulho e outros jogos dentro do mar. Nesse terreno se realiza toda uma multitudineária convivência tácita, "sozinhos juntos" como diz E. Gerton — **alone together** — encapsulados na área que dominam e têm como inviolável em separação e não envolvimento³⁹, consistindo em se verem, em verificarem que frequentam os mesmos lugares, em pelejarem pela ocupação das mesmas áreas, como índices de classe, de **status** e identidade social, como evidências de poder; para milhares é oportunidade para associação em unidades parcelares de parentes, de amigos e colegas, de vizinhos, ocasião para contatos problemáticos no diário. Assim, simples acenos, ligeiros apertos de mãos ou abraços, dedos-de-prosa, inesperados ou planejados encontros, tudo no que Bourdieu considera, antes do mais, como inversão do cotidiano, desdobramento da experiência habitual⁴⁰. Favorece toda essa ordem de relações a permanência simultânea por horas, ultrapassando a manhã, afastado o receio do sol alto. E comendo e bebendo a vendedores ambulantes, a comerciantes estabelecidos na **orla**, que se aprimora para serviços de vigilância e socorro e para assistência aos banhistas, automobilistas, comerciantes⁴¹. Além daqueles relacionamentos, pode observar-se discriminações e segregações etno-econômicas. Vi, pela primeira vez, em meados de 1941, uma "playa de negritos" em Carrasco, nos arredores de Montevidéu: o fenômeno ocorre no Brasil com os pretos, os pobres, os moradores de favelas e invasões da proximidade de determinadas praias e com os **farofeiros**, os banhistas que chegam em grupos, quase sempre de ônibus, levando farnéis ou merendas — supostamente com bastante farinha de mandioca — com que poluem os trechos ocupados e incomodam os frequentadores com seus estímulos de brincadeira. Isolam-se igualmente os banhistas procedentes de regiões diferentes, os turistas de toda procedência, estranhos aos locais, principalmente os estrangeiros. Algumas dessas praias vêm a ser dominadas por esses

invasores (vejam-se os casos de Porto Seguro na Bahia, de Camboriú em Santa Catarina, e muito mais).

7 OUTRAS FUNÇÕES DA PRAIA

As funções sociais desenvolvidas nesse espaço não se limitam ao lúdico e ao orgânico. Salão, estádio, arena, a praia pode dar-se como templo destinado à comunicação com e ao culto do preternatural. Na Coroa Vermelha, em que desembarcou na altura de Porto Seguro, em 1500, Pedro Álvares Cabral, o comandante da frota que descobriu o Brasil, rendeu graças a Deus pelo achamento da Terra de Santa Cruz, promovendo uma procissão entre o mar e a terra firme com seus grumetes e marinheiros e com os frades que levava para a Índia. Plantou aí, como sinal da posse lusitana, um cruzeiro de madeira da mata litorânea, à sombra do qual frei Henrique de Coimbra celebrou a histórica primeira missa, que se recorda no quadro célebre de Vitor Meireles. E vem a propósito a consagração das "margens do Ipiranga", um córrego, como o lugar em que ecoou o grito de Independência ou Morte, em 1822, que se fixou na pintura de Pedro Américo. Numa praia, Rodolfo Amoedo representou *O último támoio*, o famoso chefe indígena, lembrando as areias de Ipe-roig, nas quais José de Anchieta desenhara seu poema *De beata Virgine* (1563). O Hino Nacional, por sua vez, proclama que o Brasil, florão da América, fulgura "ao som do mar e à luz do céu profundo", iluminado ao sol do Novo Mundo. Encontram-se em tais celebrações as místicas cívica e religiosa. São tradicionais no país as procissões marítimas em honra do Senhor dos Navegantes, do Senhor do Bomfim, de São Sebastião e vários santos, atraindo multidões a pontos do litoral de onde parte com imagens, estandartes, velas, flores e outros símbolos. Aglomeração idêntica acontece com adeptos do candomblé e curiosos por ocasião da partida de embarcações, a 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora das Can-deias, com presentes para Iemanjá, a Mãe-d'água. A Umbanda reúne seus participantes à cerimônia, marcada por pontos riscados na areia e velas acesas, para celebrar a passagem do ano à meia-noite. Igrejas evangélicas levam seus catecúmenos e convertidos ao mar para o batismo de imersão como se fora o rio Jordão. A esses grupos imitam esotéricos, Hare Krishnas e outros, para saudar o nascer do sol em datas sacras de seus calendários. Por seu turno, o banho-de-mar tem certo caráter de rito que se cumpre periodicamente com sentido consagratório de identidades societária e cultural pelo imperativo da atração e fascinação e do medo da água. A imersão nesse fluido, que se concretiza para milhares e milhares em nossas praias, é uma das manifestações do velho culto das águas — epifanias aquáticas que reverenciam essa matriz universal e tem seu maior mistério nos oceanos. Todas essas manifestações, ainda quando não explicitamente místicas, efetivam-se em momentos propícios com

elaboradas liturgias de cânticos, desfiles, oferendas, indumentárias e gestos que emprestam função simbólica ao s̄tio, de que o banho é uma parte. São ritos de totalidade, indispensáveis — como já vimos ser o banho-de-mar — para comprovar a plena identificação com determinados estados sociais⁴².

A repetição, cada domingo ou feriado, cada oportunidade, dá ao gesto um sentido como que sagrado com algo de ritual e misterioso, de mimético enquanto representação observável, porém mais como metético, isto é, de realização da personalidade, independente da finalidade terapêutica ou lúdica⁴³. Na verdade, a ida e permanência na praia tem para muitos o cunho de obrigação a que não se deve falar. É este problema, isto é, suas motivações e modos de realização, as táticas de localização no espaço, a conduta durante a estada, os relacionamentos com o ambiente e com os demais humanos, os sentimentos experimentados de prazer, de repouso, de integração no conjunto dos presentes costumesiros ou adventícios, os riscos e inconvenientes sofridos, toda essa variiegada gama de fenômenos, que este esboço de sócio-história visa apontar para a verificação empírica em relação ao Brasil. Existem, ademais, questões teóricas levantadas pela fenomenologia que carecem de comprovação e também de levantamento, tendo em conta que o genericamente denominado banho de mar tem a ver com a vida urbana e seus percalços com a modernidade e com a economia. A "cultura da praia" é uma realidade a ser esquadrinhada com perspicácia da sua relevância para milhões de brasileiros.

8 UMA "CULTURA DA PRAIA"

Na verdade, os brasileiros têm, mais do que um verdadeiro culto da praia, fazendo da mesma pontos focais de sua existência, quer vivam na proximidade das mesmas ou no interior do país, uma autêntica cultura da praia⁴⁴. Toda a vida gira, para muita gente, em torno da praia como uma obrigação, um alívio dos aborrecimentos, mais que isto, um indispensável, insubstituível alívio das ansiedades cotidianas. Outro escriba afirma que o brasileiro se furta a tudo que é **chato**, a pontualidade, o formalismo, a deferência ou cerimônia. "Vai à praia. Será para nadar? Não, o nádo exige continuidade, seriedade, trabalho". O articulista, julgando à sua maneira européia a nossa gente, prossegue em seu discurso: "Ora, quem vai à praia para trabalhar? Ele (o brasileiro) prefere brincar com as ondas. Cansa-se correndo (desde que um americano, Cooper, lhe deu a idéia) para atingir uma saúde física pela qual se preocupa"⁴⁵.

A praia produz uma cultura, um modo de viver, mesmo uma ética pelos quais muitos pautam a existência e as cidades costeiras orientam seu crescimento. Estas se prolongam e desenvolvem predominantemente em tal sentido e fazem sua propaganda turística, enquanto as administrações

municipais, às custas de dispendiosos investimentos, capri-
cham em modernizar e tornar mais atraentes as suas orlas,
para que as populações próprias e os turistas sejam induzi-
dos a frequentar esses logradouros e aí consumirem o que
se oferece à venda e ao uso, dando acrescida renda aos mu-
nicípios. E mais: antigos vilarejos de pescadores e lavra-
dores são suplantados por esses frequentadores, formando
movimentadas cidades balneárias. Vejam-se os casos de Gua-
rujã, junto a Santos, da Barra da Tijuca, no Rio, de Atã-
laia, em Aracaju e vários outros. Isso que os psicanalis-
tas atribuíam a uma vontade da volta ao ventre materno e
à imersão prenatal no líquido amniótico, dá lugar a que os
clubes sociais das cidades interioranas rasguem piscinas
em seus terrenos ou se instalem, junto com hiato-clubes co-
mo os marítimos, à beira de rios, lagoas, represas. Pelas
mesmas razões e estímulos, incentivos pelos planos urba-
nísticos, os hotéis, as pousadas, os apart-hotéis, os res-
taurantes de mais alta classe constroem-se e se instalam
nos bairros daquele modo expandidos e melhorados. Há cida-
des em que os estabelecimentos comerciais, sobretudo os hó-
teis, daquela categoria, existem hoje unicamente em tais
áreas, sendo que os últimos se recomendam pelo qualificati-
vo de Praia Hotel de tal ou qual nome. O grosso do tráfego
de veículos de passageiros e até de carga flui nessa dire-
ção e sentido, estendendo-se as estradas e as avenidas pa-
ra ali. Tudo a criar novas fontes de renda para os municí-
pios, os quais começam a tentar o loteamento das praias a
empresas que aí estabeleçam negócios, serviços, divertimen-
tos que também rendem aos ávidos cofres públicos. Essa ocu-
pação privada de "terrenos de marinha" imita o que ocorre
nas praias norte-americanas e algumas européias, infringin-
do — por incrível iniciativa de poderes públicos — a lei
que dita como públicos e de uso das populações a faixa de
33 metros a contar, para a terra, do limite da maré média
de 1831. Por ser de todos, essa é uma terra de ninguém e
sua ocupação, sem autorização excepcional da Marinha, é um
abuso que começam a praticar hotéis e loteamentos implanta-
dos à beira-mar, dificultando e, às vezes, impossibilitando
o acesso às praias.

Em suma, a "cultura da praia" contrasta com a
tradicional cultura burguesa, cristã, manifesta em comedi-
mento, em "pureza" de sentido, em contenção do gesto. E re-
verte dionisíaca sobre esta, influenciando-a e, em certa
medida, subvertendo seu sistema de valores, sua ética, seus
gostos e apetites; altera a libido e exalta o que tem de ani-
ma, na conceituação de Jung, seus modos de sentir o cor-
po⁴⁶. Nessa renovada relação do corpo com o meio natural e
humano da sociedade da praia, em uma revolucionária ecolo-
gia e assunção de papéis, diversas das rotineiras no traba-
lho e no convívio habitual, faz-se um poderoso desencadea-
dor de mudanças. Ainda aqui, uma lição de Gilberto Freyre

quando mostra como as modificações no talhe e no modo de por tar o vestuário e as alterações na postura corpórea têm fun ção naquele processo de mudanças⁴⁷. Finalmente, realiza a tran sição mais flagrante entre a casa e a rua, entre o privado e o público, propiciando a exposição domais íntimo, o corpo da mulher até certo ponto o do homem quase inteiramente desnu do, mostrado no gesto, na postura, na atitude provocante, convi dativa, na entrega ao olhar e, às vezes, ao contato sensual⁴⁸, num estilo revolucionário de socialidade universal no Brasil.

O que dá substância e é vivido na praia enquanto espaço de socialidade é o que Maffesoli chama de "comunhão de emoções e sensações"⁴⁹ que se experimenta ali no estar-junto di verso do cotidiano habitual do trabalho, do exercício dos pa péis convencionais, das relações formais. É um como dia-a-dia alternativo do invariado social e ecológico buscado intencio nalmente para quebrar a rotina.

NOTAS

- 1 John P. Dolan no prefácio a *Crucial problems of modern philosophy*, D.J.B. Hawkins, U. of Notre Dame Press, 1962.
- 2 Ver a revista *Fon-Fon* do Rio de Janeiro que, nos anos 20 e 30, manteve com destaque a secção intitulada *Trepações*. E outras como *Careta*, *Selecta*, *O Malho*, *Kosmos*.
- 3 Sobre o **footing**, as saídas de missas, o passeio em redor das praças nos domingos como oportunidades para a esco lha de candidatos ao casamento, ver *As regras do namoro à antiga*, de Thales de Azevedo, Edit. Ática, São Paulo, 1986. p.23 e ss.
- 4 Damasceno Vieira, *Memórias históricas brasileiras, 1500-1837*, Bahia, 1903, Oficina dos Dois Mundos, T.I., p.XI.
- 5 Luís Jimenez de Asua, *Un viaje al Brasil*. Impresiones de un conferenciante seguidas de un estudio sobre el dere cho penal brasileño, Madrid, 1929, Edit. Reus/S/A.
- 6 "Morrer na praia" significa fracassar, atrasar-se, per der-se... É nesse sentido que um articulista examina os desequilíbrios de nosso desenvolvimento na área tecnoló gica, cfr. Mauro Porto, "Queimar etapas para não morrer na praia", *Jornal do Brasil*, Rio, 06.06.1982.
- 7 Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasilei ro*, Rio de Janeiro, 1964, MEC/Instituto Nacional do Livro, verbete **mar**, p.382, e *Locuções tradicionais no Brasil*, 2.ed., revista, Rio, 1977, MEC, verbete *Vá cantar na praia*, p.150.
- 8 David Bidney, *Theoretical Anthropology*, New York, 1953, Columbia University Press, p.130,224.
- 9 Maria Isaura Pereira de Queiroz, "Le paysan brésilien traditionnel et la perception des étendues", in *Perspec tives de la Sociologie Contemporaine*. Hommage à Geor ges Gurvitch. Paris, Presses Universitaires de France.
- 10 Xavier Marques, *Praieiros*. Jana e Joel. A noiva do gol fino. O arpoador. Maria Rosa (Coletânea de contos).

- Bahia, s/d, Edição GRD da cidade do Salvador, Bahia.
- 11 A mestranda da UFRGS, Carmen Sílvia Rial ouviu de um informante na ilha de S. Catarina: "Quando eu me criei aqui, não se falava em praia. Praia não existia. Quer dizer, existia praia mas para nós era praia de pescar. Não de tomar banho. A primeira família que veio morar aqui, os Arianos começaram a tomar banho. As mulheres não passavam ali sozinhas, com medo dessa família, por que diziam que elas atacavam a gente. Quer dizer, eles que andavam tomando banho. Pra passar ali, sō com três ou quatro pessoas". Nota cedida pela autora, da monografia em preparo "Mar-de-dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição". Sobre costumes praiheiros, ver *Ponta Verde: romance de costa do litoral nordestino*, Recife 1974, por Alves da Mota.
 - 12 Um desses romances é *Esfinge* (1911), com várias edições, contribuindo para o renome do autor.
 - 13 "Nas mais famosas fontes surgiram, no decorrer dos séculos (desde os romanos) balneários de prestígio internacional. De modo especial Baden-Baden, Wiesbaden, Wilbad e Bad Homburg vor de Höhe desenvolveram-se em pontos de encontro da elite internacional, cuja divisa era "ver e ser visto". No entanto, as curas com águas e banhos já são há muito tempo mais símbolos de classe para alguns milhares, o mesmo verificando-se no Brasil. Ver Irene Mayer-List e Sylvester Wöhler, "Água é vida", *Scala*, 4/jul.-ago., 1987.
 - 14 Ver sobre o assunto diversos ensaios em *Sociétés*, *Révue des Sciences Humaines et Sociales*, nº 8, avriI 1986, Vol.2, nº 2, Paris.
 - 15 Ver *Obras completas de Gregório de Matos*, "Décimas", III vol., p.583-589, edição Janaína, organizada por James Amado, 1968.
 - 16 Pedro Calmon, *O rei do Brasil*, Rio, 1935, p.227-228. É bem possível que o príncipe tentasse no Rio o que vi-
ra na Inglaterra, em Brighton, a cidade de veraneio da corte e da aristocracia britânicas. Ali, na costa sul do país, era costume na 2a.metade do século XVIII tomar o banho de mar em "chariots", verdadeiras máquinas de banhos, cabanas sobre rodas puxadas para dentro d'água por cavalos, das quais o banhista podia mergulhar sem o aborrecimento de uma longa caminhada; os mais tímidos eram ajudados pelos "dippers", os mergulhadores, que eram pescadores ou suas vigorosas mulheres que os arrastavam e jogavam n'água. Essas carrocinhas levavam tudo o necessário durante o banho, toalhas e mais pertences, cf. Eric Underwood, *Brighton*, London (1978), B.T.Batsford Ltd. (o volume tem várias ilustrações a respeito), p.65, 97 (T.A.).
 - 17 Oliveira Lima, *Dom João VI no Brasil*, 1ª vol., Rio, 2.ed., 1945, p.231.

- 18 Os médicos ingleses recomendavam mergulhar e beber a água do mar em lugares longe da foz de rios — naturalmente pela contaminação dos esgotos — para várias doenças, principalmente para a tuberculose — "the consumption which greatly afflicts our island, and in the cure of which our physicians find the greatest difficulty", citado de uma tese aprovada pela Universidade de Oxford em 1750, cf. Underwood, p.64.
- 19 Anúncios no *Diário da Bahia* e no *Diário de Notícias* nos anos de 1857 e 1858; quanto àquela casa-de-saúde, ver Pierre Verger, *Fluxo e refluxo de escravos entre o golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Trad. de Tasso Gadzanis. São Paulo, Corrupio, 1987; p.493.
- 20 Tomás Lopes, em artigo na *Kosmos* de 1906, diz que em Biarritz, na costa da França, via-se "o mundo feminino, envolto em amplos roupões, sob a concentração dos binóculos e das instantâneas, atravessa a praia e vai mergulhar os corpos n'água com curtos frêmitos de prazer". Rodrigo Otávio Filho em fim de 1913 lança sua "Canção do mar": "passeio ao longo dessa linda praia,/ nervos doentes, com a vista inquieta.../tendo esta Alma vadia que desmaia/nas emoções sensíveis de um Poeta./ Segue avistando pescadores, navios, a renda fina destas águas /espalhando-se em ondas nas areias" enquanto uma grande tristeza o empalma; finalmente, "a Tarde morre aos poucos em surdina/na marcha lenta de uma caravela.../ E eu parto, então, guardando na retina/a alvadia miragem de uma Vela/".
- 21 Para a questão dessa alteração de uso do espaço, ver "O espaço como produto social", R.M.Prosperi Meyer, in *A luta pelo espaço*. Textos de sociologia urbana, Eva Alterman Blay, org., 1978. Petrópolis, Vozes.
- 22 Ver Gilberto Freyre, *Modos de homens & Modas de mulher*, 1987. Rio de Janeiro, Record; Gilda de Melo e Souza, *O espírito das roupas*. A moda no século dezanove, 1987, São Paulo, Companhia das Letras.
- 23 *Diário da Bahia*, 7.10.1857, pág. de avisos e anúncios.
- 24 Um cotidiano brasileiro, o *Jornal de Notícias*, da Bahia, em 01 de abril de 1911, abre suas colunas sídusas e cir cunspectas para o seguinte comentário, que vale a pena transcrever como evidência das idéias vigentes: "A saia-calção. Seu aparecimento na Bahia", seguindo-se o texto: "Embora pelas tradições do seu espírito conservador e pela virtude da sua prudência, a Bahia não sejad as primeiras a praticarem, imediatamente, as inovações de qualquer espécie, era de esperar, entretanto que a Moda da saia-calção se não demorasse em aparecer nas nossas ruas. Há muitos anos o mundo se não sente abalado por um acontecimento de tamanho ruído, de escândalo tamanho, como esse da jupe culotte, corrida em Paris,

variada em Madrid, pateada em Lisboa, perseguida no Rio, aplaudida em São Paulo, em toda a parte o assunto do dia... e principalmente da noite nas conversas da família, a preocupação de povos e governos, aqueles a entenderem que a mulher se tá masculinizando muito, e estes a temerem que dessa invasão de atribuições de um sexo pelo outro resultem alterações, de ordem a pôr a ordem alterada. O grande fato, porém, é que a Bahia ansiava por ver a saia-calção em pano e em pessoa. Teve hoje esse prazer e, felizmente, para honra de nossa cultura, sem demonstrações de assovio, na doutrina de que cada qual pode sair à rua vestido como entender, com tanto que... saia vestido. Entremos a descrever o sensorial aparecimento. Três elegantes senhoras, em quem para encantarem, a formosura natural dispensa os ornatos da Moda, subiam cerca de 1 1/2 da tarde na Rua Chile (O jornal envia à página de telegramas para a continuação da notícia, mas ali diz que, sendo aquele um dia de mentiras, a nota não continuaria; mas nas edições de 3 e 4 registra a simpatia com que duas senhoras passaram pela cidade, a bordo de um navio, rumo ao Pará, recebidas com curiosidade mas com simpatia, na quele traje).

- 25 No *Jornal de Notícias*, da Bahia, publica-se naqueles dias uma declaração de jovens de que "não nos casaremos com as moças que usarem saia-calção". O poeta humorista Lulu Parola (pseudônimo de Aloísio de Carvalho, em sua coluna "Cantando e rindo", a propósito de coisas da política nacional, escreve: "Segunda vez, agora, que no Rio, / De onde partem as modas do país, / Teve a saia-calção longo assovio, / Que é um dos predicados varonis... / Estou vendo das vaias o arrepio... / E assim se fez — para imitar Paris, / Onde a vaia de Auteuil é de um feitio / que mata de nojo o rei Luiz... / Seja lá porque for, e onde houver, / Entre os homens não pode ter guarida / o animal que vaia uma mulher... / São mais graves ainda as da Avenida! / São no Brasil!... E aposto o que quiser / em como está a Política metida!... cf. *Jornal de Notícias*, Bahia, 18.03.1911. Dois dias após volta ao tema, aludindo a importação da saia-calção da Turquia.
- 26 Vale a pena transcrever comentários e críticas da imprensa, principalmente tratando de periódicos que se pretendiam modernos e atuais — anos depois, sobre as mudanças de costumes e de moral que se expressavam no banho de mar. Na *Revista da Semana*, a 10.09.1927, sob o título "As sereias cariocas", lia-se: "A estação caminha para o apogeu. As praias povoam-se, animando-se cada vez mais, e a gente fica a pensar em que, se era mentira a existência das sereias, ela é hoje uma grande verdade, pelo menos nas praias cariocas... As do Rio têm, por via de regra, uma excentricidade, que é, de

resto, comum em praias de banho: sō aparecem pela manhã ou ao crepúsculo. E não falta quem vā surpreendê-las, quem vā admirã-las, quem vā fazer conjecturas sobre a verdade e a mentira das sereias. Os fotógrafos, porém, não se contentam com a ventura do olhar embevecido; vão mais longe: assestam as máquinas e, num gesto de excêntrica avareza, recolhem toda a beleza estonteante das praias. Das praias, é um modo de dizer: das que-las que dão às praias toda a grandeza e esplendor ... Aqui damos a última série, colhida especialmente para a *Revista da Semana*. E — digam agora — existem ou não as sereias?" Este texto tão rico de observações completa-se numa página do mensário *A Luva*, de Salvador, a 5.5.1930: "O banho-de-mar, na Barra, àquela hora, dava à Bahia fulgurações momentâneas de terra civilizada, de terra que veste maillot e anda de automóvel, uma Copacabanazinha, ainda um tanto medrosa, a temer talvez a eterna vigilância do forte de Santa Maria, mas que já põe à vela bons dois palmos de perna suprajoeilham! O banho ali é sempre delicioso, tonificante, rejuvenescedor. Não sō pelas suas qualidades terapêuticas, mas principalmente pelas extraterapêuticas, não sō pelas qualidades marítimas, mas especialmente pelas marítimas (...)" . Outro texto a revelar as modificações no modo de ver aquele exercício como as atitudes em relação à freqüentação do aludido espaço.

- 27 Ver seus ensaios "Miti messianici e trasformazione della societã tradizionale in Brasile", in *Annali della Fondazione Luigi Einaudi*, Torino, V.IV, 1970; "Educação como uma forma de colonialismo", *Ciência e Cultura*, V.28(12) 1976; "No Brasil, baile de carnaval: espelho meu, haverã no mundo festa mais louca do que eu?", *Ciência e Cultura*, 38(5), 1986.
- 28 Fernando da Rocha Peres, *Memória da Sê*, 1974, Salvador, Ed. Macunaĩma, p.36. Ver, em relação às motivações psicossociológicas da moda, "Psicossociologia da Moda", de Eduardo Diatay B. de Menezes, *Revista Vozes*, Ano 66, nº 3, abril 1972.
- 29 Ver Thales de Azevedo, *As regras do namoro à antiga*, São Paulo, 1986, Edit. Ática, cap.III, "Tradição e modernização", p.84 ss. Acompanhem-se as mudanças e a "modernização" das maneiras de viver a praia em *80 anos de moda no Brasil*, p.44, 59, 74 ss.
- 30 "Os psicanalistas que se têm dedicado ao assunto sugeriram que uma das principais funções da moda é ensejar, sobretudo à mulher, uma via sublimada para as tendências agressivas e exibicionistas, que são mais espontâneas durante a infância, e posteriormente reprimidas", diz E. Diatay B. de Menezes em "Psicossociologia da Moda", *Revista Vozes*, Ano 66, nº 3, abril 1972, p.205.
- 31 *Fodor's Brazil*, created by Eugene Fodor, Robert Fisher;

- Leslie Brown Editors, David McKay Co, Inc., p.66). Com relação aos maiões norte-americanos, é verdade que ainda em 1988, são muito pudicos em comparação com os brasileiros, particularmente do molde "fio dental". Ve jam-se, por ex., os catálogos dos fabricantes de Kiz, ou Land's End, anunciados nos periódicos mais sofisticados dos Estados Unidos.
- 32 Conselheiro Pinto, "No Banho". *A Luva*, Salvador, 05/05/1930.
- 33 Além dos figurinos publicados no país, que Gilberto Freyre e Gilda de Melo e Souza indicam em livros indispensáveis para entender o que se passava desde o século passado, ver José Carlos Durand, *Moda, Luxo e Economia*, São Paulo, 1988, Edit. Babel Cultural. Este autor examina particularmente os problemas econômicos da adoção de modelos, padrões, tipos de tecidos, marcas de fábricas, acompanhando as modas e suas oscilações e caprichos no jogo com os interesses comerciais. Muito influentes no Brasil, sobre a moda, foram o *Jornal da Família* e *A Estação*. Para este ensaio consultei, notando, por sinal, a diminuta atenção aos trajes de banho: Maria Luz Morales, *La Moda. Siglo XX - 1900-1920*, 1947, Bs. Aires, Barcelona, Salvat S.A.; *Le Costume*, XVIIe., XVIIIe. et XIXe. siècles, français vu par les artistes, 1949, Paris, Art et Style (preface de François Boucher); M.Leloir, *Histoire du Costume de l'Antiquité à 1914*, Tome XII, 1949, Paris, Ernst & Cie.; Bruhn-Tilke, *Historia del Traje en Imágenes*, 1966, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A.; Emma Calderini, *Il Costume Popolare in Italia*, 1934, Milano, Sperling e Kupfer.
- 34 Michel Maffesoli, O paradigma estético (A sociologia como arte), *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 21/1986; Roberto Mota, Orgia e Sociedade I e II, Panorama Literário, *Diário de Pernambuco*, 11 e 18.11.1983, Recife.
- 35 Para questões teóricas relativas a tais regras, ver Erving Goffman, *Behavior in public places*. Notes on the social organization of gatherings. 1963, New York-London, Macmillan Publishers, p.198 ss.
- 36 Roberto da Matta. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 1979, Rio de Janeiro, Zahar Editores, p.91, 109 e ss.
- 37 Os complexos aspectos do narcisismo podem seguir-se com Christopher Lasch, em *The culture of narcissism*. American life in an age of diminishing expectations. 1979, New York, Warner Books, Inc. (Um desses aspectos é essa admiração por si mesmo, inclusive do ponto de vista corpóreo, p.71 e ss).
- 38 Robert B.Edgerton, *Alone together*. Social order on an

- urban beach. 1979. Berkeley, Los Angeles, London, U.of California Press, *passim*.
- 39 Edgerton, op.cit., p.198.
- 40 "Gostos de classe e estilos de vida",reproduzido em Pierre Bourdieu, *Sociologia*, por Renato Ortiz, 1983, São Paulo, Ática Edit., p.82 ss.
- 41 Todo um comércio de venda de comidas e bebidas, de aluguel de cadeiras dobradiças, de tendas e chapéus-de-sol verifica-se nas praias, em instalações permanentes ou improvisadas no momento. Na praia de Jauã, no litoral baiano, alguns quilômetros ao norte do Aeroporto Dois de Julho, numa extensão de 1 km, instalaram-se há vários anos em caráter permanente, nada menos de 70 barracas toscas de madeira e palha, com mesas e bancos, para a preparação de alimentos (carangueijo, mariscos,stras, comidas típicas da região) e bebidas: cerveja, refrigerantes, cachaça, aperitivos, etc., de que se abastecem os banhistas sobretudo nos sábados e domingos. Cada barraca, situada a dez ou quinze metros de distância das vizinhas, pertence e é explorada em geral por uma família de modestos camponeses da redondeza, nalguns casos apoiados por políticos e por "comunidades de base". Este comércio é parte do extraordinário complexo comercial de barracas que se armam e removem de um bairro para outro na cidade do Salvador no período de festas de fim de ano.
- 42 Mircea Eliade, *Tratado de historia de las religiones*, 1974, Madrid, Ediciones Cristiandad, Tomo I, cap.V."Las aguas y el simbolismo acuatico".
- 43 Johan Huizinga, *Homo ludens*. A study of the play element in culture. 1955, Boston, The Beacon Press, p. 15.
- 44 "Os brasileiros iniciam sua vida de praia muito cedo. Não é estranhável ver criancinhas pequeninhas dentro de berços de vime desmanchando-se ao sol junto de suas mães de biquini. Quando crescem e já andam, em geral, são acompanhadas por uma ama que as segue e muitas vezes molham seus uniformes quando têm de os apanhar dentro da água. Uma vez que são capazes de dispensar suas empregadas vão à praia com seus amiguinhos. Os meninos aprendem a jogar futebol ou fazer o surf, enquanto as meninas brincam com bonecas. Mais adiante, essas mesmas crianças fazem seus deveres na praia, apreciam a música rock na praia, encontram com as namoradas na praia e quando completam o ciclo trazem seus filhinhos à praia. Quase tudo se passa ali. De manhãzinha, cedo, podem se ver velhinhos ainda tentando manter-se jovens dando um mergulho ou fazendo o cooper. Os jovens exercitam-se ali. Os vagabundos urinam ali. Os larapios roubam e os políticos vão até fazer suas campanhas. Muitos negócios são fechados ali também. Muitas vezes um exe

cutivo desabusado, que não quer se dar ao incômodo de vestir uma camisa e botar uma gravata, dirã a um cliente para encontrã-lo na praia. O cliente também aparecẽ rã de calção em vez de terno e de trazer sua pasta. Apẽsar da areia, das moscas e do barulho do povo que fala alto, eles conseguem acertar seus negócios."

O publicista continua falando do que se vende na praia, da música que se toca, dos esportes que se praticam, dos que furtam roupas, relógios, jóias deixados ao acaso. Anota ainda que à noite as praias adquirem outra fisionomia. Mesmo sendo permitido nadar, começa a pescaria. Quando o sol se deita, os pescadores lançam suas linhas e anzóis, prostitutas se oferecem, apaixonados sentam-se e conversam, mocinhas lindas passeiam, as barracas recebem mercadorias e as domésticas fazem sexo. Às duas da manhã, o movimento cessa e a praia experimenta um primeiro sossego. Quando muito uns favelados vão dormir em suas areias; conclui, cf. Fodor, op. cit.

- 45 Charles Vanhecke, *Brésil*, Paris, 1876, Editions du Seuil, p.121.
- 46 Anima seria o que existe de feminino e, em algum sentido, libidinoso, sensual, na personalidade, cf. Carl G. Jung, *Man and his symbols*, 1971, A Laurel Edition.
- 47 Gilberto Freyre, "Moral e mudança social". *Ciência e Trópico*, V.12, nº 1, jan./jun., 1984.
- 48 Roberto da Matta, em *A casa e a rua*. Espaço, cidadania, mulher. São Paulo, 1985, Edit. Brasiliense, enfatiza o contraste entre os "tempos mais internos, da casa e da família", habitualmente nos sábados e nos domingos, e os "tempos externos, marcados pelo trabalho" dos "dias comuns de semana", p.31. A praia inverte esse esquema; por sua vez, leva ao extremo a oposição entre o jardim e a praça como os lugares do "privado" e do "público", cf. Nelson Saldanha, "O jardim e a praça sobre o lado do 'privado' e o lado 'público' da vida social e histórica", *Ciência e Trópico*, V.11, nº 1, jan./jun.1983.
- 49 Michel Maffesoli, *A Conquista do Presente*, Rio, 1984.

122. CALASANS, José. *Quase biografias de jagunços: o sêquito de Antônio Conselheiro*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1986, 110p.
123. EDELWEISS, Frederico. *Lições de Etimologia Tupi*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.
124. VEIGA, Claudio. *Um retrato da Bahia em 1904; O Papão*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.
125. SCHWEBEL, Horst Karl. *Bandas, Filarmônicas e mestres na Bahia*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 58p.
126. MATTOS, Waldemar. *Pirajã, relíquia do heroísmo baiano*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 42p.
127. Protesto Contra a Demolição da Sê (1928); Edição facsimilada, Apresentação de Fernando da Rocha Peres.
128. PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e a Inquisição*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1987, 52p.
129. BOAVENTURA, Edivaldo M. *A perenidade de Castro Alves*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 16p.
130. Relatório/apresentado pelo/ Rev. Frei João Evangelista de Monte Marciano/ao/Arcebispo da Bahia/sobre/ Antonio Conselheiro/e/ seu sequito no Arraial de Canudos - 1895. Edição Facsimilada. Apresentação José Calasans. Salvador, CEB; UFBA, 1987, 20p.
131. MATTA, João Eurico. *Ângulos* (A vigência de uma revista universitária). Índice Geral de Colaboradores de *Ângulos*/Ângela Maria Pinho Souza Braga, Maria da Conceição Penalva da Silva, (Bibliotecárias do CEB). Salvador, CEB; UFBA, 1988, 76p.
132. PERES, Fernando da Rocha. *A Família Mattos na Bahia do Século XVII*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 62p.
133. VIANNA, Hildegardes. *As Aparadeiras e as Sendeironas. Seu Folclore*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 37p.
134. AZEVEDO, Thales de. *A Praia: espaço e socialidade*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 40p.



VITAE

Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

Centro de Estudos Baianos

Thales de Azevedo

A PRAIA ESPAÇO DE SOCIALIDADE

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

134